

Ingrid Bergman

ALBUM DOS ARTISTAS

(2.º Volume — Fasc. 30)

Edição de Aguiar & Dias, Ltd.ª — Todos os direitos reservados para Portugal, em conformidade com a lei, na apresentação, disposição e conjunto da obra. — Distribuidores e Depositários: Agência Portuguesa de Revistas — Rua Saraiva de Carvalho, 207 — Telefones 668639/ /668684 — LISBOA (Portugal) Delegação no Porto: Rua Duque de Loulé, 42 — Telefone 30794 — Composto e impresso nas Oficinas de Bertrand (Irmãos), Ltd.ª — Travessa da Condessa do Rio, 7 — Lisboa.

INGRID BERGMAN



a mulher QUE TUDO arriscou PELO AMOR

UM coração ardente começa a palpitar numa temperatura de 40 graus abaixo de zero. Quer dizer, numa casa de saúde acabava de abrir os olhos para a luz do dia um robusto bebé, para o qual conseguiram uma atmosfera quente e acolhedora. Mas lá fora, na rua, amontoa-se neve sobre neve; em alguns pontos o gelo cai com tanta intensidade que os transeuntes mal podem passar de uma porta



Inquieta... Decidida...



para a outra... Estamos em Estocolmo, capital da Suécia, ano de 1921, quando o mundo ocidental, depois da primeira grande catástrofe do século, começa a sarar as suas feridas e a cobrar o gosto pela vida.

Nasceu uma menina. A sua família é mais que modesta, mas em casa vive-se razoàvelmente. O pai da recém-nascida, Justus Bergman, é técnico fotográfico; nos primeiros anos a vida foi difícil e sobretudo depois de se casar. Mas agora, depois da guerra, no momento eufórico da paz, parece que essa nova arte a que chamam sétima, que começou por ser uma brincadeira e acabou por ser proclamada como diversão universal, vai dar grande impulso a tudo que se relaciona com fotografia. Assim, Justus Bergman não é simplesmente um técnico fotográfico, um simples produtor de retratos, mas sim um «cameramon» como dizem nos Estados Unidos, onde a cinematografia começa a tomar extraordinário incremento. Tudo isto, naturalmente, nada tem a ver com a menina que nasceu. Pelo menos, a família assim o julga. Outra coisa diria se estivesse presente alguma fada madrinha, das que existiram em tempos remotos e fantásticos, e que prediziam às recém-nascidas o seu futuro.

A menina chamar-se-á Ingrid. A sua infância decorrerá na nórdica cidade, e a sua primeira educação ficará ao cuidado da escola oficial, que é a única que existe, a maravilhosa escola que acolhe as herdeiras da coroa real, as filhas dos alfaiates, dos sapateiros e dos porteiros, e, naturalmente, as dos fotógrafos. Uma cultura profunda, séria, sem pedantismos, mas também sem lacunas. A menina é bonita mas não é presumida. Precoce? Segundo alguns aspectos, talvez. Como seus pais não têm nenhum filho varão, agrada-lhes ver a pequena Ingrid inclinada para os jogos dos rapazes. Nos dias de Inverno, cruéis na sua intensidade, não há maneira de a reter em casa: indiferente ao tempo, ela escapa-se com os patins ao ombro a caminho da pista de gelo de Nybroplan. É este o lugar das suas delícias infantis que ela jamais pode esquecer... Mas há outra paixão que enche os seus sonhos: é o seu nascente talento de actriz. A arte cénica atrai-a irresistivelmente desde muito pequena... Desde muito pequena também que é o modelo predilecto do pai.

—Por favor, Justus, deixa a pequena... Estás a convertê-la numa espécie de coelho da Índia para as tuas experiências fotográficas—costumava dizer a esposa de Bergman ao marido, quando o via horas seguidas naquela actividade.—Não vês que a pequena se fatiga?

Mas Ingrid protestava e Justus prosseguia na sua tarefa.

—Olha bem, mulher. Não voltará a ser mais bela... Ou talvez o seja ainda mais... Mas eu já não a retratarei...

—Porque não? Que disparate!

—Não sei... Gostaria de fixar nas minhas placas todos os momentos da

Sonhadora... A arte embriagava-lhe os sentidos...

sua vida infantil. Podes dizer que é mania... mas não posso evitá-lo.

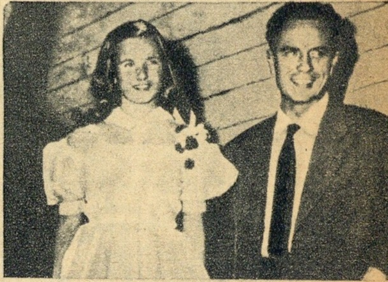
—Não te compreendo.

—Nem eu tão pouco. É uma coisa mais forte do que eu... Outros a retratarão... Mas não serei eu... — repetia.

De facto, Justus morreu quando Ingrid era ainda muito pequena. Cessaram aquelas deliciosas cenas no quente «living-room» da casa da rua Strandvagen, que se cobriu de luto. Ingrid ainda hoje a recorda. Recorda os anos de tristeza que se seguiram. A senhora Bergman, não podendo resistir ao golpe da morte do marido, seguia-o pouco depois. Ingrid ficou a cargo de seu tio, um homem culto bem instalado na vida e que cultivou na menina as ambições já despertadas por seu pai. Aparte a assistência à escola oficial a que já aludimos, Ingrid foi sua própria mestra na sua primeira aprendizagem de expressão e interpretação cénica. Cada vez se apaixonava mais pelo teatro. Não havia estreia a que ela não assistisse acompanhada por seu tio, também grande amante do bom teatro, que na Suécia pode admirar-se quase sempre no Teatro Real, um dos melhores do mundo. Além de assistir às representações, lia incansàvelmente fechada no seu quarto. Lia obras dramáticas, principalmente, mas também lia novelas, e, dentro das quatro paredes do quarto, incarnava diante do espelho personagens criados pela literatura. Nessa época, ainda uma adolescente, julgou estar apaixonada pela primeira vez. Sem dar conta, fundia-se naquele sentimento o fervor da sua alma juvenil pela arte, que a apaixonava, e a sua admiração pelo homem que era também um grande actor: Gosta Ekman, ídolo do público da Suécia. Para Ingrid, não podia existir, naquele tempo, um futuro, um mundo que não fosse o tablado. Como aproximar-se do seu ídolo? Como saciar a sua ânsia de expressão, de revelação da sua própria personalidade? Era um raro equilíbrio numa criatura tão apaixonada como Ingrid mas que, no entanto, a defendeu, durante a sua infância e depois na adolescência, de se deixar levar pelos primeiros impulsos: a planear e a calcular todos os seus actos, no sentido da desejada meta. Para alcançar a glória no teatro, para ser actriz na Suécia, era preciso, antes de tudo, passar pela Escola Dramática do Teatro Real, porque sem esse requisito não havia probabilidade de aparecer em cena. Apaixonada pela arte, Ingrid não vacilou um instante. Tinha de



A grande actriz sueca e o seu primeiro marido, Dr. Peter Lindstrom. Foi ele o grande impulsionador da sua carreira cinematográfica.



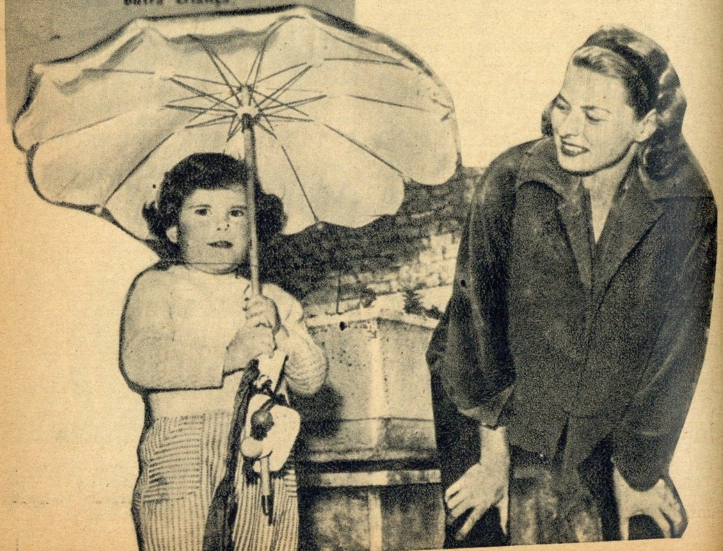
Peter Lindstrom e a filha Pia. Ambos se viram sùbitamente abandonados pela «estrela», que voara para Roma ao encontro de Roberto Rossellini.

matricular-se na «Dramaten». Não lhe foi difícil convencer seu tio. Tinha um carácter forte e uma decisão extraordinária. Quando se propunha fazer qualquer coisa não descansava sem o conseguir.

— Pensa bem antes de te decidires, Ingrid — foi a única objecção de seu tio, quando ela lhe expôs o seu propósito. — Não quero dizer com isto que pense torcer a tua vocação ou que me oponha a ela. Mas tem em conta que, para resistir durante três anos à aprendizagem na «Dramaten», é preciso uma verdadeira vocação, e um grande amor ao teatro. O ambiente ali, é duro, severo e gélido... Sei isso de boa fonte.

mamã FELIZ!

Ingrid adora tanto a sua vida privada como abomina as reuniões mundanas e a aproximação constante dos jornalistas. Fora dos estúdios, deseja ser apenas a mamã feliz que brinca com os filhos como se fosse outra criança



— Sim, tio, eu também o sei. Mas não me importa. O meu amor pelo teatro é muito mais forte que todos os obstáculos.

— Está bem. Será como tu desejas. Amanhã mesmo iremos falar com os directores. E se passares no exame prévio, por mim não haverá dificuldades.

— Obrigado, tio. Passarei, estou certa disso.

A célebre Escola de Arte Dramática, fundada por Gustavo III, estava instalada no mesmo edifício que o Teatro Real de Estocolmo. Rodeada por velhos e altos muros, dividida em imensas e vazias salas, a escola tinha um aspecto lúgubre. No entanto, Ingrid não desanimou. Com passo decidido avançou, na companhia de seu tio, em direcção ao gabinete do director, o célebre Gustav Molander.

Era um homem de rosto sereno e grandes olhos azuis. Falava em voz baixa, tranquila, e parecia que nunca se exaltaria nem irritaria por qualquer motivo. Quando a rapariga se apresentou diante dele, limitou-se a olhá-la silenciosamente durante longos segundos. Ingrid sustentou o seu olhar sem se alterar.

— Muito bem, menina Bergman. Acabam de me informar que deseja ingressar na Escola — disse por fim. — Suponho que conhece o regulamento: antes de aceitá-la como aluna devemos submetê-la a um exame, uma espécie de prova teatral para avaliarmos a sua habilidade e o seu talento. Estas provas realizam-se sempre em data marcada e o tribunal está composto de críticos teatrais, professores da Escola e actores profissionais. Nada posso prometer-lhe, portanto, até sabermos o resultado desse exame. Não depende de mim, mas sim do tribunal que a há-de julgar. Aqui tem o papel que deverá representar nesse dia... Nada mais. Adeus e boa sorte.

Apertou a mão de Ingrid e de seu tio e, sem lhes dar tempo a pronunciar uma só palavra, acompanhou-os até à porta. Só quando se viu ao ar livre no centro do seu querido Nybroplan, cenário de tantos jogos infantis, se decidiu Ingrid a olhar o papel que Molander lhe tinha entregado. Era o papel de «Nora» numa cena da «Casa das Bonecas» de Ibsen. Nada menos que a cena da tarantela! Por instantes, Ingrid vacilou.

— Oh, tio! Isto é muito mais do que eu supunha... O papel de «Nora»... Tenho que interpretar «Nora»... E na cena da tarantela... Não o poderei fazer... É demasiado para mim...

— Vamos, vamos, criança! Não te perturbes... Tem calma... Tu és capaz de representar isso... e muito mais. E demais tens tempo suficiente para te preparares... A prova só deve ser para o mês de Agosto...





Mais duas imagens que bem ilustram a suprema ventura de Ingrid — ser mãe! EM CIMA: Com Robertino e as duas gémeas, Isabella e Ingrid, no dia do 1.º aniversário destas. EM BAIXO: A sua «villa» de S. Marinella é um espléndido oásis de tranquilidade para a sua função de carinhosa mamã.

Ingrid lançou-se com ardor ao trabalho de preparação. Dia após dia estudava a sua dicção e os gestos com que devia acompanhá-la. E à medida que se aproximava a data do exame, sentia que uma grande serenidade se apossava dela. Sim, passaria na prova. Agora estava segura disso. No dia marcado os outros rapazes

e raparigas que com ela aguardavam a sua vez, maravilharam-se com a sua serenidade.

— Deve ser um fenómeno! — ouviu-se murmurar a um mais nervoso e intranquilo que os outros.

Ingrid sorriu. Não, não era um fenómeno. Estava tranquila porque se sentia segura de si mesma. Quando chegou a sua vez de recitar o seu papel, fê-lo esquecendo-se de tudo que a rodeava, e entregando-se de corpo e alma à interpretação. Ao acabar o exame, o próprio Molander correu a felicitá-la, e, contrariando as normas da Escola, que impunham uns dias de espera antes de dar as classificações, disse-lhe que ficava aceite como aluna da Escola Real Dramática.

Uma nova vida começava para Ingrid. Uma vida cheia de tudo aquilo que ela mais ambicionava. Conheceu pessoas que se interessavam pelas coisas que também lhe interessavam a ela. Assistiu com mais frequência do que nunca — pois a própria Escola se encarregava de proporcionar-lhes os bilhetes — a todas as representações dos teatros da cidade, pois que uma parte muito importante da sua educação cénica consistia em estudar e observar os grandes actores e actrizes. Assim, pôde admirar em todas as suas interpretações o grande Gosta Ekman, que continuava a ser o seu ídolo mais amado. A vida na Escola era bastante agradável: ali estudava declamação em vez de aritmética, esgrima em vez de geografia. O estudo não era um trabalho, era um prazer. Muito cedo deram conta os professores do talento que despertava em Ingrid. Com alguma reserva ao princípio, mas depois cada vez com mais frequência, foram-lhe confiando pequenos papéis nas representações que faziam na Real Escola Dramática. Aquilo, sim, era qualquer coisa de novo e aliciante!... Desde menina que Ingrid tinha sonhado viver uma grande aventura, a sua grande aventura, como costumava dizer... A sua alma sofria uma constante inquietação, uma sede insaciável de paz e de satisfação de si mesma... que não sabia onde ir buscá-las... Talvez este caminho, o caminho do teatro, fosse o mais indicado para a procurar... E a ele se entregou com todo o ardor da sua juventude.



No papel da hipotética Grã-Duquesa Anastásia, a brilhante personalidade de Ingrid impôs-se de tal maneira que o seu prestígio subiu novamente bastante alto.

FOI durante uma destas representações na Escola que Ingrid conheceu Peter. Ao cair o pano do primeiro acto, a pequena tinha saído a correr para o seu camarim para mudar de fato. Sem que ainda hoje possa explicar como isso aconteceu, Ingrid encontrou-se de repente no chão incapaz de tornar a levantar-se. O seu professor correu para ela alarmado:

— Por Deus, menina Bergman! Levante-se... Tem muito pouco tempo...

— Mas não posso... Estou absolutamente impossibilitada de me levantar do chão...

Foram inúteis todos os esforços para a ajudar a erguer-se. Assim que o pé roçava o pavimento uma dor, uma dor agudíssima, obrigava-a a cair de novo. Foi preciso procurar na sala, entre o público e com toda a urgência, um médico. Apresentou-se um rapaz alto de cabelo loiro e olhos azuis. Disse chamar-se Peter Lindstrom e ser estudante do terceiro ano de Medicina.

— Então, ainda não é doutor? — perguntou Ingrid um pouco relutante em entregar-se nas suas mãos.

— Não, menina. Mas creio que os meus conhecimentos de Medicina serão suficientes



Em Paris, a «estrela» sueca conheceu pessoalmente a trepidante cançonetista brasileira Irene Macedo, que ainda há tempo trabalhou em Portugal. E entusiasmou-se com alguns números que a alegre carioca interpretou especialmente para ela, durante um «garden-party».



O facto de Ingrid apreciar, acima de tudo, a feliz serenidade do seu lar, não quer dizer que não seja uma mulher alegre e espirituosa. Também gosta de se divertir, e até de dançar, neste caso com o excelente comediante Alberto Sordi



Curioso instantâneo obtido durante as filmagens de «Elena e os Homens»: o realizador Jean Renoir, estendido numa cadeira, e Ingrid, estática e de costas para ele, mais parecem dois namorados a quem algum arrufo pusesse carrancudos. Duas pitorescas atitudes de meditação que só confirmam que o cinema é coisa séria.

para remediar o mal de que se queixa... Permita-me que a veja...

Embora ainda não estivesse de todo tranquila, Ingrid submeteu-se ao exame do futuro médico. Teve de reconhecer que o rapaz tinha umas mãos verdadeiramente hábeis. Com uma rapidez espantosa, examinou o tornozelo afectado, ligou-o, e quando se deu conta, estava perfeitamente em condições de continuar a representação.

— Não sei como agradecer-lhe... — tentou dizer Ingrid, verdadeiramente surpreendida.

— Não tem nada que agradecer-me. Na realidade o seu tornozelo não tinha nada de cuidado... Uma simples entorse... que a ligadura há-de recompor. Agora, se me permite, vou ocupar novamente a minha cadeira para continuar a admirá-la no segundo acto, menina Bergman.

— Como sabe o senhor o meu nome? A Escola tem por norma não os pôr no programa...

— É que eu conheço-a, Ingrid. Temo-nos visto muitas vezes no Nybroplan, aos domingos de manhã... Não se recorda?

Não. Ingrid não se recordava. E isso não era estranho. A rapariga vivia completamente entregue ao mundo da arte. Era certo que, algumas manhãs de domingo, ia patinar um bocado para o Nybroplan... Mas nunca fixava as pessoas que a rodeavam.

Enquanto deslizava pela superfície lisa do gelo, não pensava noutra coisa que nas suas heroínas do teatro. «Como era aquela frase de «Magia» no terceiro acto?». E o monólogo de «Ofélia?». Ainda não tinha tido oportunidade de interpretar as grandes heroínas de Shakespeare, meta da ambição de todas as actrizes... Mas algum dia o conseguiria... «Magda» era também um grande papel... Não menos importante que o de «Nora» da «Casa das Bonecas».

— Eu nunca mais consegui esquecê-la... O seu ar infantil, sonhador, quando deslizava pelo gelo, impressionou-me profundamente. No dia em que a descobri, prometi a mim mesmo saber como se chamava, onde vivia e o que fazia na vida...

— O que faço já o senhor vê: teatro... É a minha grande paixão... A minha única paixão...

— Sim, já o compreendi ao vê-la representar esta noite. Quando você entra em cena transfigura-se espantosamente na personagem que interpreta...

O segundo aviso soou insistentemente.

Ingrid Bergman na tela

Embora não sendo muito extensa a lista das interpretações cinematográficas de Ingrid Bergman, os seus filmes são, em contrapartida, todos revestidos de interesse acima do nível comum. Nesta página apresentamos imagens de algumas das suas principais películas.



«Intermezzo», com Leslie Howard, o primeiro filme que fez na América e que logo tornou o seu nome mundialmente conhecido.



«A Casa Encantada», um «suspense» de Hitchcock, em que teve Gregory Peck como «astro».

Mais uma vez trabalhou com Hitchcock em «Difamação», ao lado de Cary Grant.





«O Medo», com Mathias Wieman, realização de Roberto Rossellini.



«Elena e os Homens», de Jean Renoir, foi o início da recuperação de Ingrid, após o obscurecimento em que a afundaram os filmes do marido.



Em «Anastásia» teve a interpretação admirável que lhe traria de novo a consagração mundial e um «Óscar».

Com o falecido Roberto Donat em «A Estalagem das Seis Felicidades», a sua mais recente película.



— Vamos, menina Bergman — interrompeu o professor. — Não pode perder mais tempo...

— Adeus, senhor Lindstrom... E muito obrigado.

— Adeus, não, Ingrid. Diga antes, até domingo no Nybroplan. Quer?

A rapariga fitou-o nos olhos. O rosto de Peter demonstrava tanta ansiedade, que Ingrid não se atreveu a decepcioná-lo.

— De acordo. Domingo, no Nybroplan.

Foram muitas manhãs de domingos que os dois jovens passaram juntos desde aquele dia. Primeiro as manhãs e depois as tardes, até que foram também todos os momentos livres que a rapariga tinha, pois Ingrid não descuidava por nada os seus estudos.

O teatro continuava a ser para ela a primeira coisa, a única coisa realmente importante na sua vida. Peter teve o talento suficiente para o compreender assim desde o princípio, e longe de opor-se, animou com o seu entusiasmo e a sua admiração aquela paixão pela arte que parecia arrebatar Ingrid. O rapaz sabia bem que era aquele o melhor caminho para chegar ao coração da jovem. E, enamorado dela perdidamente, propôs-se ajudá-la a alcançar o que ela tanto desejava.

Uma manhã em que, como de costume, deviam encontrar-se no Nybroplan, Peter chegou radiante de entusiasmo e saudou Ingrid com um sonoro beijo na face.

— Querida, tenho boas notícias para ti.

— De que se trata, Peter?

— Tu sabes que gosto de ti, não é verdade, Ingrid?

— Sim, Peter, mas eu...

— Não me interrompas querida, sei o que vais dizer-me. Mas não se trata agora disso. O que quero dizer-te é que, sabendo como eu te quero, saberás também que o meu maior desejo é ajudar-te e proporcionar-te tudo o que possa fazer-te feliz... Pois bem: hoje consegui para ti um contrato da «Svensk Film Industriy»... O director já te conhece: viu-te representar na Escola... Prometeu-me que, se o teu rosto for fotogénico, o contrato é teu.

— Mas, Peter, trabalhar no cinema não é... não é a minha ambição, tu sabes... Eu quero ser actriz de teatro...

— Que disparate! Claro que o serás... Mas o cinema oferece-te hoje mais possibilidades que o teatro, não o podemos negar... E demais, nele te darás a conhecer muito mais ràpidamente... Não esqueças Gosta Ekman, o teu grande ídolo... Todos sabemos que é o melhor actor do nosso país, e no entanto, não desdenha dividir o seu tempo entre o teatro e o cinema...



Este enternecedor quadro familiar ficará como recordação indelevel de uma felicidade sincera e extasiante que, apesar de tudo, não pôde eternizar-se. Ingrid, Rossellini, e os pequenos Robertino, Isabella e Ingrid, constituiram uma família admirável, unida pelo mais fervoroso amor, pelo mais afectuoso carinho.



Bergman não é uma artista qualquer. Estuda cuidadosamente cada um dos planos que vai rodar. Também o realizador de «Anastásia», Anatole Litvak, não é um cineasta de «standard». Por isso, durante as filmagens daquela película, director e protagonista mantiveram a mais estreita colaboração, analisando e discutindo cada pormenor.

Aquele era o melhor argumento que Peter podia apresentar. Aquilo bastou para vencer a resistência de Ingrid. Sem interromper os estudos na Escola de Arte Dramática rodou o seu primeiro filme, intitulado «Tempestade». Nele devia incarnar o tipo da filha dum pescador, que, arrastada pelos seus impulsos, dava à luz um filho ilegítimo.

Antecipação, acaso, ou certa realidade do seu destino?

Esta película revelou-a definitivamente como actriz. O cinema, a que ela tinha resistido tanto, consagrou-a em muito pouco tempo. Abandonou os estudos da Escola e pouco antes de partir para a Alemanha, já contratada pela U. F. A. Ingrid acedeu por fim a casar-se com Peter. Estava realmente enamorada dele? Não o sabia. Sentia pelo homem que a tinha ajudado um grande afecto, um sincero carinho, mas compreendia que o amor devia ser uma coisa muito diferente daquele sentimento que a ligava a Peter. Franca e leal como era, no dia em que Peter lhe pediu pela centésima vez que casasse com ele, disse-lhe abertamente:

— Sinto um profundo carinho por ti, Peter. Tens sido bom e generoso comigo, mas creio que não estou enamorada de ti. E tenho medo, medo de que o verdadeiro amor, ou pelo menos o que eu entendo por amor, surja algum dia, quando for demasiado tarde...

— Não importa Ingrid, estou disposto a correr o risco. Sei que o meu amor é bastante forte para conseguir acender a centelha que ainda não ardeu em ti...

Ingrid não opôs mais resistência. Tinha dezassete anos e uma sede insaciável de viver, de voar para a grande aventura.

A aventura começou em Berlim. Depois de interpretar para a U. F. A. uma película que passou despercebida, «O pacto dos quatro», regressou, ao hotel emocionada e radiante.

— Oh, Peter, não adivinhas o que me sucedeu hoje nos Estúdios? Não, não podes adivinhar... É maravilhoso... Calcula que vou fazer uma película nada menos que com Gosta Ekman... Que te parece? Oh! querido! Tu tinhas razão... O cinema é uma coisa estupenda...

Sim, foi maravilhoso para Ingrid trabalhar ao lado de Gosta Ekman, o seu actor favorito, o homem que desde menina admirava. A película intitulava-se «Intermezzo» e durante todo o tempo que durou a rodagem Ingrid sentiu-se completamente feliz. Trabalhar com Gosta foi uma experiência que jamais pôde esquecer. Tão pouco esqueceria a artista quanto fora bon-

doso e paciente com ela o actor. No dia em que terminaram a rodagem da película, Gosta aproximou-se dela e, abraçando-a carinhosamente, disse--lhe:

— Você tem um grande talento, minha pequena. Mas precisa de trabalhar duramente. Nunca deixe de trabalhar, nunca se canse do estúdio. Se seguir o meu conselho, irá longe estou certo disso...

Ingrid respondeu ao abraço com os olhos rasos de lágrimas. E aquele conselho foi a inspiração que guiou toda a sua vida.

A película teve um êxito ruidoso na Alemanha. Público e críticos aplaudiram Ingrid como a grande revelação do momento. E, como era de supor, depressa chegaram ofertas de Hollywood, tentadoras. David O. Selznick, que tinha visto a película, ofereceu--lhe um contrato vantajoso. Em primeiro lugar, rodaria uma segunda versão de «Intermezzo» com o actor inglês Leslie Howard no papel masculino, e depois fariam juntos uma série de películas que colocariam Ingrid no primeiro plano da cinematografia mundial.

Aquilo era uma mudança absoluta na vida da rapariga. A ida para os Estados Unidos implicava romper com tudo que até ali lhe tinha sido familiar... Mas Ingrid não vacilou. Não pensou sequer na readaptação que teria de sofrer a sua vida e na forma de trabalho que eram para ela completamente desconhecidos... Não pensou que não conhecia o idioma do país onde tencionava viver. Continuava a sentir uma grande curiosidade pela vida dos países que lhe eram desconhecidos. Os novos horizontes que se abriam diante dela talvez conseguissem acalmar a inquietação da sua alma... aquela inquietação constante que a fazia sentir-se como que enjaulada assim que permanecia alguns meses no mesmo lugar... E de resto, não estava satisfeita consigo mesma nem com o seu trabalho. Queria procurar novas possibilidades, queria conhecer outras pessoas que a ajudassem a melhorar e a superar-se... O salto para o Novo Mundo, talvez fosse o caminho há tanto tempo procurado.

Peter estava de acordo com ela. Não opôs a menor resistência àquela viagem.

— Talvez seja também melhor para mim, querida — disse. — Nos Estados



Ingrid teve em «Anastasia» o «astro» excelente de que precisava para triunfar radicalmente. E o resultado foi um «óscar» para cada um — vitória brilhante que Ingrid e Yul Brynner aparecem aqui a festejar.

Unidos poderei continuar a estudar e talvez me especialize na minha carreira.

Quando se encontrou no barco, a caminho de Nova Iorque, Ingrid julgava estar a viver um lindo sonho. Estava convencida de que nenhuma rapariga no mundo era tão afortunada como ela. Durante uma hora passeou sòzinha pela coberta, pensando no grande mundo que depressa ia ter diante dos olhos. A travessia foi maravilhosa. Ingrid e Peter costumavam passar muitas horas estendidos na coberta recostados num cadeirão de lona, fazendo planos para o futuro. Jamais Ingrid tinha sentido tanta paz nem tanta felicidade. Quando diante dela apareceu a grande estátua da Liberdade, um estremecimento de assombro a invadiu. Penalizou-a ter de abandonar o barco onde tinha sido tão feliz e, por momentos, teve medo. Medo do desconhecido. Instintivamente, refugiou-se nos braços de Peter.

— Tudo correrá bem, minha pequena — sussurrou Peter ao seu ouvido. — Nada nos pode acontecer enquanto estivermos unidos...

— Sim, Peter, tu e eu sempre unidos...

HOLLYWOOD recebeu-a com certa reserva. No dia em que chegaram à cidade do cinema, Selznick aguardava-a à porta dos Estúdios com um ramo de flores da Califórnia. O «cameraman» focou a máquina... E naquele mesmo dia começou a

por-se em movimento a interminável cadeia da publicidade de Ingrid.

Depois de «Intermezzo», Ingrid fez uma temporada teatral em Nova Iork, juntamente com Burgess Meredith, na peça «Liliom». Peter aproveitou a estadia na cidade dos arranha-céus para se especializar como cirurgião, e, quando regressaram a Hollywood, abriu ali a sua clínica. A vida do casal parecia avançar pelo caminho da prosperidade. Constituiam um casal modelo e levavam uma vida regular que contrastava com a das outras «estrelas» de Hollywood. Ingrid trabalhava de dia nos Estúdios e seu marido na clínica, e dedicavam as noites para a passarem no lar e gozarem a companhia um do outro.

Quando, em 1940, nasceu o seu primeiro filho, uma menina loira e de olhos azuis, Ingrid julgou ter encontrado finalmente a paz e a serenidade de que tanto precisava. A menina era linda, rechonchuda e alegre. Como Ingrid não acabasse por se decidir por um nome, um dia Peter disse resolutamente:

— Tive uma ideia, querida. Porque não havemos de pôr à pequena o nome de Pia? Repara, é o nome com as nossas iniciais: P. de Peter; I de Ingrid. E quanto a A pode significar para nós «Always», isto é, «Para Sempre». Peter-Ingrid-Always. Que te parece?

A «estrela» não encontrou apenas em Yul Brynner o actor extraordinário, mas também o colega gentil e atencioso, com quem desenvolveu a melhor amizade e camaradagem. Ei-los durante o ensaio duma dança.

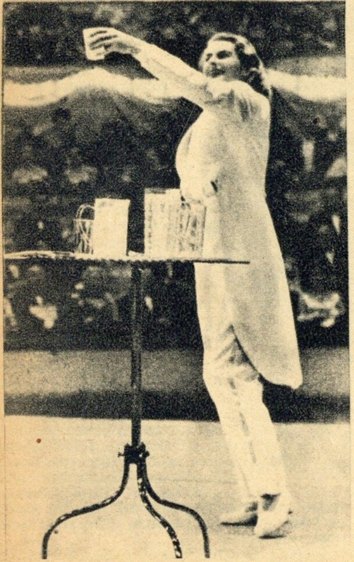


Ingrid sorriu e concordou. Pouco tempo depois voltou a sentir aquela inquietação que julgava já morta dentro de si. A mesma ânsia de voar, de mudar de ambiente, voltou a atormentá-la. Por casualidade tinha nas mãos a obra de Maxwell Anderson «Joana de Lorena» e entusiasmou-se com a ideia de incarnar a Donzela no teatro, que a perseguia desde que aquela deveria ser a sua máxima criação artística. Pois o vírus do teatro, que a preseguia desde criança, não se tinha ainda extinguido, apesar dos seus êxitos no cinema. Ansiava pelo tablado. A vida artificial de Hollywood com as suas constantes recepções, entrevistas para a Imprensa, festas e bulício, atormentava-a. Começou a mostrar-se novamente irritada com a Imprensa e parecia não achar satisfação em nada que não fosse o trabalho. Um jornalista, ressentido por não lhe ter concedido uma entrevista, declarou aos companheiros:

— Não se aborreçam rapazes. Ingrid Bergman não quer nada com os



INGRID PRESTIDIGITADORA





As imagens destas páginas referem-se a uma pitoresca derivante artística de Ingrid Bergman. Acreditem ou não, a «estrela» sueca foi, por um dia... prestidigitadora! Quando se encontrava em Paris a filmar «Elena e os Homens», realizou-se no «Circo de Inverno» um espectáculo a favor dos artistas pobres, em que colaboraram, além dela, Jean Marais, Maurice Chevalier, Fernandel e outras figuras célebres do cinema, cada uma contribuindo com o melhor da sua habilidade numa sessão circense que deu brado. Ingrid, envergando um aparatoso fraque branco, exibiu-se com inesperado êxito em alguns números de prestidigitação que deixaram estupefacta a assistência. Diga-se de passagem que, para apresentar esses números com a eficiência que demonstrou, a actriz submeteu-se a uma aprendizagem meticulosa, durante algumas semanas, sob a orientação de um famoso prestidigitador. À esquerda e à direita, vemos alguns aspectos dessa sensacional actuação.



jornalistas. Aborrece a publicidade. É uma mulher estranha e insonsa... Eu creio que as festas e a animação lhe são alérgicas... Estas nórdicas são muito especiais. E, além disso, falta-lhe uma condição indispensável numa «estrela» cinematográfica: não tem excentridades...

Era certo. Ingrid Bergman era uma mulher perfeitamente normal, coisa que em Hollywood não se podia conceber. Não existiam nela, como na maioria das «estrelas», duas personalidades: a da mulher e a da actriz. Ela actuava na vida com a mesma naturalidade com que actuava no teatro. Peter mostrava-se inquieto com estes comentários e com a fama que ia envolvendo a mulher. Mas cada vez que tentava convencer Ingrid de que devia ser um pouco mais amável com a Imprensa, ela respondia invariàvelmente:

— Mas, Peter, se dedico todo o meu tempo livre a falar da minha pessoa, a pousar para os fotógrafos, a falar com as pessoas e a assinar autógrafos, não compreendes que desperdiço todas as minhas energias? O meu trabalho é a única coisa que me importa...

Sempre compreensivo e complacente, Peter procurou ajudá-la concedendo-lhe toda a liberdade necessária. Ingrid ia, vinha, trabalhava sem descanso mas não se sentia feliz. Filmou, durante esses anos, um grande número de películas: «O teu nome é mulher», «Os sinos de Santa Maria», «Casablanca», «Tu és o meu coração», «Sob o signo de Capricórnio», «Recorda», «Por quem os sinos dobram», «Meia Luz», (que lhe valeu o «Óscar» de 1944), «Saratoga» e «Arco de Triunfo». Esta última película foi motivo de assombro e de crítica em

A HISTÓRIA do idílio

INGRID ★ ROSSELLINI



Abril, 1949: De Roma, Ingrid comunica telefònicamente para a América, e informa o marido de que ficará junto de Roberto.



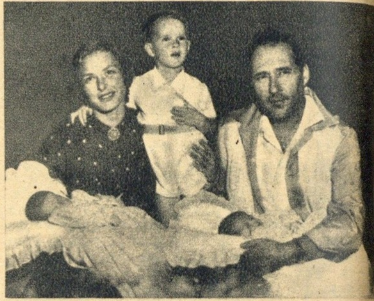
Na Sicília, Ingrid e Rossellini filmam «Stromboli», ao mesmo tempo que vivem um belo romance de amor.



Festejam em Roma o seu casamento, celebrado, por procuração, no México.



Primeira foto de Robertino, aos 14 meses. Nasceu em 2 de Fevereiro de 1950.



Julho, 1952: Baptismo das gémeas Isabella e Ingrid.



Novembro, 1956: Separação artística. Na Índia, Rossellini dirige um documentário de grande metragem



Ingrid vai com os filhos para Paris, onde filma «Elena e os Homens».



Agosto, 1957: Em Capri, Ingrid goza umas curtas férias, acompanhada de sua filha Pia, que já não via há seis anos.



Desfazendo os rumores que corriam sobre o seu divórcio, Ingrid recebe afectuosamente o marido, no seu regresso da Índia.



O casal propôs-se retomar a sua vida normal em Paris. Ingrid actuava agora na peça «Chá e Simpatia».



Mas, pouco tempo depois, no Hotel Raphael, onde estavam hospedados, tomam a decisão de se divorciar.



A excepcional criação de Ingrid Bergman em «Anastásia» pôs os americanos em delírio. Esqueceram todo o passado, e acolheram o seu regresso em apoteose.

todo o mundo cinematográfico. Nela Ingrid teve de interpretar um papel totalmente diferente de todos. Sempre tinha aparecido como uma rapariga doce, inteligente, virtuosa, e a «Jeanne Madou» de «Arco do Triunfo» era uma mulher de costumes ligeiros. Não gostaram que Ingrid fizesse aquele papel, especialmente na Suécia onde a actriz era considerada quase um ídolo nacional. Aborrecida com críticas que se fizeram em seu redor, Ingrid declarou aos jornalistas:

— Não sei porque se obstinam em pensar que sou uma mulher pura e sem defeitos. Todo o ser humano tem dentro de si o bem e o mal... E eu não sou, certamente, diferente dos outros seres humanos...

E foi então que surgiu o inesperado. Uma tarde, em Nova York, Ingrid assistiu à estreia do filme italiano «Roma, cidade aberta», do qual se tinha falado muito. Começou a ver a fita quase indiferentemente, mas quando terminou a projecção, procurou entusiasmada, o nome do director que tinha sido capaz de realizar um filme com tal poder emocional e dramático. O nome era Roberto Rossellini, um desconhecido. Ao regressar a casa, Ingrid não pôde conter-se, e transmitiu a Peter as suas emoções daquela tarde.

— Descobri um realizador extraordinário, Peter. Um tal Rossellini... Não sei quem é nem donde saiu... Mas a sua película emocionou-me extraordinàriamente...

Quando, um ano mais tarde, em 1949, se estreou em Nova Iork «Libertação», Ingrid voou para ali, abandonando todos os seus compromissos, para assistir à estreia. O filme deixou-a extasiada. Depressa compreendeu que aquele era o tipo de filmes que sempre tinha sonhado fazer. Aquele era o seu caminho, o caminho tanto tempo esperado... Até altas horas da noite esteve a passear pelo quarto, e jurava a si mesma que tinha de achar o meio de trabalhar com Rossellini fosse como fosse. O seu nervosismo levou-a, no dia seguinte a consultar Irene M. Selznick, ex-mulher do conhecido produtor, a qual, depois de muito discutirem o assunto, aconselhou Ingrid a escrever uma carta a Rossellini, expondo-lhe os seus desejos. Ingrid não pensou duas vezes, e ali mesmo escreveu umas linhas:

«Estimado senhor Rossellini: Vi os seus filmes, «Roma, cidade aberta» e «Libertação», e gostei muitíssimo. Se alguma vez precisar duma actriz sueca que domina o inglês e que esqueceu o alemão, que mal se faz entender em francês e a única coisa que sabe dizer em italiano é «t'amo», estou pronta a ir até aí e trabalhar a seu lado. Cordiais cumprimentos de Ingrid Bergman».

A carta chegou a Itália no dia em que Rossellini fazia quarenta e quatro anos. Era o dia 8 de Maio de 1949. Emocionado, Rossellini, que já tinha visto Ingrid trabalhar em «Intermezzo», respondeu num longo telegrama:

«Senhora Bergman: Acabo de receber a sua carta, que foi a prenda mais apreciada dos meus anos. Asseguro-lhe que há muito tempo sonhava fazer um filme com a senhora. Desde este momento farei tudo para que essa ambição minha se realize o mais depressa possível. Escrevo-lhe a seguir uma carta a expor-lhe todas as minhas ideias. Aceite toda a minha admiração e os meus melhores cumprimentos. Muito grato, Roberto Rossellini».



Flores e mais flores, dezenas de telegramas e de cartas de felicitações, na mais calorosa manifestação de idolatria, foram as características do triunfal regresso de Ingrid Bergman à América. A história do seu amor com Rossellini, que tanto haviam condenado, era assunto que já não contava.





Na carta, que era muito extensa, Rossellini contava, sem pormenores, o argumento dum filme que seguiria, como todas as suas produções, a linha moderna da escola neorealista italiana. Chamava-se «Stromboli» e seria filmado inteiramente na ilha do mesmo nome, ao pé do famoso vulcão. Ingrid interessou-se pelo filme e sobretudo pela personagem que ela deveria incarnar, e pediu a Rossellini que lhe enviasse o argumento definitivo. Mas passaram-se os meses e Ingrid não recebeu notícias de Itália. Começava a sentir-se nervosa, decepcionada. Tinha sonhado com aquela produção, e já não podia resignar-se que tudo ficasse em zero. Quando por fim, depois de troca de cartas, concordaram em encontrar-se em Paris durante um fim de semana, Ingrid voou entusiasmada a reunir-se ao realizador italiano. Acompanhava-a seu marido, que era agora seu representante. A entrevista teve lugar no hotel onde Ingrid estava hospedada. Rossellini chegou acompanhado dos seus representantes, Lopert e Solmsen. O doutor Lindstrom não esteve presente na entrevista, pois nunca assistia às discussões preliminares de uma película, para não influenciar sua mulher. Quando regressou ao hotel, duas horas depois, Ingrid recebeu-o com os olhos brilhantes de entusiasmo.

— Oh, querido! É maravilhoso!... Peço-te que aceites o guião de «Stromboli». É o melhor tema que me ofereceram durante toda a minha vida. Sentir-me-ei feliz se conseguir interpretar esta película.

— De acordo, querida. Onde está o guião? Gostaria de dar-lhe uma vista de olhos...

— Ainda não o tenho. Rossellini confessou-me que ainda não o escreveu, que não sabe quando poderá fazer a película e que também não sabe quem são os actores secundários... Mas, que importa tudo isso? O tema é magnífico, e depois esta forma tão original de preparar uma película fascina-me. Estou cansada do sistema de Hollywood, da forma como se trabalha lá... Isto será qualquer coisa de novo, uma experiência que por nada deste mundo deixaria de viver.

«Por nada deste mundo...». Assim foi, com efeito. Contra o vento e maré, tendo de enfrentar-se com todos, Ingrid, de regresso aos Estados Unidos, não se cansou de caminhar para todos os lados até conseguir o financiamento da película de Rossellini. Não lhe foi fácil. Em Hollywood, toda a gente lhe exigia o guião, pois não faziam a menor ideia de quem era Rossellini. E quando ela insistia com ardor, olhavam-na, admirados, e comentavam:

— Que se passa consigo, Ingrid?

Nem ela mesma o sabia. Era algo mais forte que tudo. De repente, tinha descoberto a verdadeira razão da sua vida, e tinha de lutar por ela.

Depois de cinco filmes que fez com Rossellini, Ingrid via a sua carreira ameaçada. Mas bastaram dois outros, fora de Itália e sem a direcção do marido, para que imediatamente se produzisse a sua reabilitação artística. Mel Ferrer e Joan Marais («Elena e os Homens») e Yul Brynner («Anastásia») foram os galãs que a acompanharam nessa recuperação sensacional.



Peter observava-a, em silêncio. Pouco a pouco, ia compreendendo que sua mulher se afastava dele e deixava o seu espírito voar para outros horizontes... Quando, ao fim de muitas conferências, Ingrid conseguiu que Samuel Goldwyn tomasse o encargo da produção de «Stromboli», enviou um telegrama a Rossellini, pedindo-lhe que viesse aos Estados Unidos. No dia em que o realizador chegou à Califórnia, Ingrid, que se encontrava em casa a ouvir rádio, ouviu a voz do locutor anunciar: «Robert Rossellini, o único grande amor de Ingrid Bergman, chegou a Hollywood para a visitar». O coração da rapariga deu um salto. Como evitar aqueles comentários de mau gosto? Estaria ela, de facto, enamorada de Roberto? Não se deteve a analizar as suas emoções. Naquele momento, o seu único desejo foi salvar aquele homem da «selva» hollywoodense.

Quando ele foi visitá-la a sua casa, estava tão nervosa que não encontrou palavras para o cumprimentar. E quando ele lhe ofereceu um cigarro, a sua mão tremia de tal forma que não o conseguiu acender. Peter observava-a fixamente.

A estranha atitude de Ingrid na presença de Rossellini, e aquela frase da sua carta que depressa se tornou pública — «a única palavra que sei em italiano é «t'amo» — deu azo às primeiras calúnias. Começaram a murmurar, e o ambiente, a princípio cordial, em que Rossellini tinha sido recebido, esfriou de repente, em parte devido à atitude muito pouco diplomática do cineasta italiano. Em meados de Fevereiro, o mau ambiente que se tinha formado à sua volta, culminou com a declaração de Goldwyn de que não lhe interessava financiar a produção de «Stromboli».

Rossellini, que não tinha levado dinheiro, encontrou-se de repente em bancarrota. Ingrid apressou-se a convidá-lo a viver em sua casa, enquanto Roberto preparava o regresso. A artista sentia, agora mais do que nunca, a necessidade de protegê-lo, de fazê-lo esquecer com as suas atenções os maus momentos daquela viagem aos Estados Unidos, sugerida por ela. Começaram a sair juntos, a ir ao teatro, aos restaurantes, e cada vez mais se ia estreitando o laço espiritual de que já dificilmente se libertariam. A austera Ingrid, a mulher recta, intangível parecia renascer para uma vida nova. Peter observava e calava-se. Por fim, a R. K. O. ofereceu-se para financiar a película, e Rossellini assinou um contrato no qual se comprometia a começar as filmagens em Itália no dia 1 de Abril de 1949. Antes de partir de Hollywood, Roberto enviou um grande ramo de rosas a Ingrid e uma bonita boneca a sua filha Pia. Ao receber as ofertas, Ingrid não pôde conter as lágrimas, e compreendeu que um novo elo de ternura a deixava presa a ele.

Rossellini saiu dos Estados Unidos em Fevereiro de 1949. Naquela altura já se murmurava abertamente que Ingrid e ele estavam enamorados. Jornais e revistas comentavam o idílio Bergman-Rossellini em grandes títulos.

Duas para sorrir...



Este sorriso florescente desmente as opiniões de certos cronistas acerca de Ingrid Bergman, que pretendem classificá-la de pessoa sizuda, metida consigo, e por vezes intratável...

É sabido que os argumentos das películas são tão modificados e recompostos pelos técnicos e realizadores que às vezes torna-se difícil aos autores reconhecer a sua própria obra. Ingrid afirma ter ouvido o seguinte diálogo entre um director e um jovem argumentista:

— Temos de suprimir esta frase — insistia o director. — Dentro do carácter geral da obra, isto não tem sentido.

— Bom! — resignou-se o autor. — Que havemos de fazer! É a única frase que ficou do argumento original e queria conservá-la por sentimentalismo.

★

DEPOIS de uma temporada de intenso trabalho, Ingrid sentiu-se completamente abatida, sem ânimo para fazer nada. Visitou um famoso médico e, após a consulta, disse:

— Creio que o que eu necessito é alguma coisa que me incite a lutar, a ganhar espírito combativo. Pôs alguma coisa assim na receita?

— Não, na receita não. Mas vai encontrá-la na conta.

DESEJANDO chegar a Roma incógnita, Ingrid adiantou de um dia a sua viagem. Mas de nada lhe valeu o truque, e em 20 de Março, ao aterrar no aeroporto de Ciampino, poderosos reflectores iluminaram o avião, e uma multidão imensa se aglomerou para presenciar a chegada da «estrela» e o seu encontro com Rosselini. Ingrid foi a última a descer do aparelho. Quando por fim se decidiu, sentia-se estremecer por desencontradas emoções. Roberto aproximou-se dela e beijou-a suavemente na face. Depois, olhando-a nos olhos, murmurou:

— «T'amo»...

Era a primeira palavra de amor que saía dos seus lábios. Como as filmagens não começariam senão no dia 1 de Abril, Roberto convidou Ingrid a acompanhá-lo numa rápida volta pela Itália, para que a «estrela» admirasse a maneira de viver daquele povo. Foram alguns dias de felicidade absoluta para Ingrid. Já não ocultava o seu amor nem a sua admiração por aquele homem de vida aventurosa, temperamental e selvagem. Roberto, por seu lado, mostrava-se rendido aos encantos da jovem sueca. Juntos visitaram várias cidades de Itália, procurando a solidão, que raras vezes encontravam, pois que os jornalistas, os fotógrafos e o público perseguiam-nos para onde quer que fossem.

O mundo inteiro estava pendente daquele apaixonado idílio. Os jornais reproduziam cada uma das suas frases e cada um dos seus gestos. Isto era a única coisa que toldava a felicidade de Ingrid, sempre tão fugidia à publicidade.

Pouco antes de embarcar para Stromboli, no Mediterrâneo, Roberto aconselhou Ingrid:

— Creio que deverias escrever a teu marido «mia cara». Não podemos continuar a calar o nosso amor. O doutor Lindstrom terá de dar-te o divórcio, quer queira ou não.

— Sim, Roberto, creio que devo a Peter uma satisfação.

Mas não foi possível evitar o escândalo. Um jornal norte-americano apressou-se a dar a notícia do divórcio de Ingrid, sem que ela pudesse compreender como, de tão longe, tinham descoberto o seu segredo. Peter respondeu à carta de sua mulher, tomando o primeiro barco que saía para Itália. Seguiram-se dias angustiosos. Ingrid, Peter e Roberto discutiram calorosamente a situação. Peter não podia compreender que sua mulher desejasse realmente separar-se



Depois do êxito clamoroso de «Anastásia», Ingrid viveu, em Paris, quarenta e cinco noites de triunfo não menos sensacional, como protagonista da peça «Chá e Simpatia». Foi a primeira vez que fez teatro nessa capital, com a particularidade importante de representar em língua francesa. Este instantâneo foi obtido no seu camarim, quando se maquilhava para uma das representações.

O último acto!

dele, depois de quinze anos de matrimónio. As discussões não os levaram a nenhum resultado prático, e ao cabo de duas semanas esgotantes, Peter decidiu regressar à América sem ter acedido à petição de sua mulher. Ingrid permaneceu em Stromboli, junto de Roberto, até acabar o filme. Depois deslocaram-se juntos para Roma e alugaram um apartamento, onde a «estrela», ficou a viver, esperando um filho que estava para nascer.

Esta era mais uma prova que a desditosa I n g r i d tinha de afrontar. Só o grande amor que tinha a Roberto a consolava e ajudava a suportar as críticas de todo o mundo. Várias vezes escreveu a Peter pedindo-lhe que lhe concedesse a liberdade para poder casar com Roberto antes do nascimento do filho. Mas Peter, indignado, obstinava-se em não responder às súplicas de sua mulher. Ingrid chorou durante todos aqueles meses como j a m a i s o tinha feito. Eram lágrimas de medo e de alegria também. De alegria ao lembrar-se que gerava um filho do homem que amava acima de todas as coisas; de medo por tudo o que a esperava, a ela e ao filho, se ele chegasse antes de ela ter legitimado as suas relações com Roberto.

Em 2 de Fevereiro de 1950, na Villa Margarida, a clínica mais moderna e luxuosa de Roma, fazia a sua entrada no mundo um formoso e robusto bebé, de grandes olhos azuis e cabelo loiro.

Enquanto os amigos mais íntimos cuidavam de afastar os curiosos e os jornalistas, Roberto tentou inùtilmente pôr-se em c o n t a c t o com Peter



Oferecemos nestas páginas quatro aspectos do último acto do romance de amor Ingrid-Rossellini. EM CIMA: Vindo da Índia, Rossellini chega ao aeroporto parisiense de Orly. Os boatos de que ele e Ingrid se íam divorciar cessaram nesse momento, quando a «vedeta» correu a abraçá-lo com fervor. EM BAIXO: Mas, pouco tempo depois, estalava a confirmação dos boatos. Com estas caras resignadas de dois esposos que á não podem viver juntos, seguiram num avião para Roma.



Lindstrom, em Los Angeles, para tratar de aclarar a difícil situação do recém-nascido, de c o m u m acordo. Ingrid era, apesar de tudo, a esposa de Peter e portanto, a criança só podia ser inscrita como filho deste. Mas Roberto reclamava para si a paternidade do recém-nascido, e estava disposto a lutar por ela. As coisas complicaram-se, devido à má intenção dum jornalista, ao publicar uma i m a g e m da entrevista que Ingrid mantivera com seu marido na Sicília, exactamente nove meses antes da chegada do pequeno. Por estas circunstâncias a lei podia considerar o pequeno como f i l h o de Peter e de Ingrid... Para evitar sobressaltos e complicações, Roberto decidiu aguardar os dez dias que a lei admite para se declarar um recém-nascido e depois inscreveu-o simplesmente como filho de Roberto Rosselini e de mãe incógnita. Foi uma dura prova para Ingrid!

Antes dos factos consumados, Peter acedeu por fim a não pôr mais inconvenientes ao divórcio. Mas como demoraria vários meses a resolver-se a situação, Ingrid e Roberto, desejando desesperadamente legalizar a sua ligação, casaram-se por procuração na cidade de Juarês, México, em 24 de Maio de 1950.

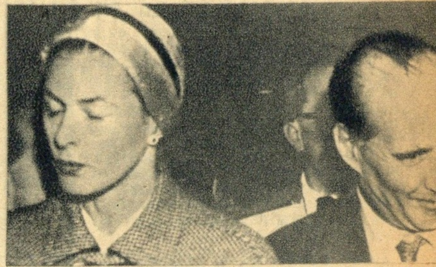
— É um estranho casamento, meu amor — não pôde deixar de dizer Ingrid.

— Sim, querida. Mas se tivéssemos aguardado que todos os papéis, já legalizados, estivessem em nosso poder, não teríamos podido casar senão daqui a alguns meses. E é muito melhor assim, não achas? Por Robertino e por nós.

NORMALIZADA já a situação, Ingrid confiava em poder viver tranquila ao lado de seu marido e de seu filhinho. Mas uma sombra toldava a sua felicidade. Depois do divórcio e segundo a disposição legal, que concedeu a custódia da filha ao doutor Lindstrom, Ingrid tinha direito a passar alguns meses com a filha. O doutor Lindstrom não podia opor-se a esta disposição, mas insistiu que se realizasse dentro dos Estados Unidos, afirmando que não permitia que Pia abandonasse a sua pátria. A separação de Pia tinha sido a maior dor experimentada por I n g r i d em todo aquele assunto. Ansiava, agora, ter a filha ao pé de si, junto de Robertino, e passar umas semanas de felicidade completa com os dois. Desesperada, Ingrid moveu um processo contra o doutor Lindstrom, acusando-o de não permitir que sua filha passasse com ela, na Itália, umas semanas, antes de regressar ao colégio. Estava disposta a fazer valer os seus direitos, embora à força. Mas não contava com a vontade nem com os sentimentos da pequena. Quando, perante o Tribunal de Los Angeles, onde se efectuava o processo, perguntaram a Pia:

«Não sentes o desejo de ver a tua





E quando Roma viu chegar o famoso casal, compreendeu imediatamente que tudo tinha acabado. Nos seus sombrios rostos vislumbrava-se perfeitamente o triste reflexo da irremediável decisão. E sorrisos, se escapavam alguns, eram frios e ausentes, de simples etiqueta. Não se enganavam: a actriz e o realizador acabavam de redigir a notícia da sua separação.

mãe?», a rapariga respondeu friamente:

— Não. Não gosto da minha mãe, nem a quero.

O destino comprazia-se em ferir, mais uma vez, a desditosa Ingrid, a mulher que, por uma paixão avassaladora, tinha desafiado todos os convencionalismos.

A vida com Roberto decorria, agora, tranquila e aprazível. Robertino transformara-se num robusto rapazinho de dois anos, alegre e carinhoso. Ingrid era já, por temperamento e afeição, mais uma latina. Adaptara-se totalmente à vida italiana. Aguardava outro filho, e repartia o seu tempo entre o cuidado do seu lar e o trabalho. Sob a direcção de seu marido, acabara de rodar outro filme, «Europa 51».

Em 18 de Junho de 1952 Ingrid deu à luz duas gémeas: Isabella e Ingrid. O nascimento das meninas fê-la esquecer, por algum tempo, o problema que continuava a desprestigiar o seu nome nos Estados Unidos. Em Itália, tinha encontrado por fim a felicidade e a paz. Com Roberto, tinha o mundo que sempre desejara conhecer e o trabalho artístico que a seduzia.

Ingrid, agora, admirava muito mais seu marido do que antes de casar-se com ele, e adorava-o. Roberto, por seu lado, encontrara na mulher que tudo sacrificara pelo seu amor, um oásis delicioso. Era indubitável que ambos gozavam a estabilidade que todo o ser humano deseja. Completavam-se e usufruíam a sensação de se sentirem mùtuamente úteis.

Mas, apesar da serenidade do seu segundo casamento, Ingrid jamais poderia ser absolutamente feliz. Rondaria sempre os seus ouvidos aquela frase infeliz de Pia: «Não gosto da minha mãe, nem a quero!»

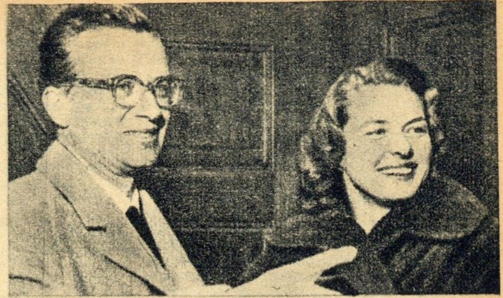


No aeroporto de Estocolmo, Pia (ou Jenny Ann, seu nome americano) aguarda a chegada de Ingrid Bergman. Vão encontrar-se pela primeira vez, depois de seis anos de separação e de incompreensão. Acompanham-na seu pai, Peter Lindstrom, sua madrasta, e o pequeno filho do casal.

Ingrid e Pia — esta já uma encantadora mulher — estiveram juntas, depois, em Paris. No quarto do hotel onde a «estrela» residia, Pia encontrou o seu retrato na mesma moldura em que estavam os dos outros filhos.



Foi curto o interregno entre o romance de amor com Roberto Rossellini e um outro, de aspectos não menos românticos. O seu novo par é um importante empresário sueco, Lars Schmidt, alto, loiro, de óculos de tartaruga. Conheceram-se em Paris há vários meses, e, desde então, desenvolveu-se entre os dois uma afectuosa amizade que em breve redundaria em amor.



Os anos correm. A felicidade continua a embalar docemente a vida privada de Ingrid. Ela, o marido, os três filhos — um lar onde tudo parece estar perfeito. Para que essa ventura não possa ser perturbada, a actriz consegue afastar o mais possível — embora não completamente — a recordação da filha que a repudiou.

Mas qualquer coisa de importante se ia perdendo lentamente — e talvez irremediàvelmente — na vida de Ingrid. Aquilo que fora, desde o alvorecer da sua existência, a maravilhosa chama que alimentara o seu espírito e a levara a saltar países e continentes e a arrebatar multidões, ameaçava extinguir-se. Roberto Rossellini, o homem que a despertara para o amor, apaixonado e ardente, que soubera dar-lhe a verdadeira felicidade, e oferecer-lhe, além disso, um delicioso ambiente de profunda comunhão artística, ver-se-ia, afinal, com o decorrer do tempo, fracassar progressivamente num dos aspectos que mais haviam atraído Ingrid para ele.

Ele faria películas para ela, ela só interpretaria os seus filmes. Ela era uma grande actriz. Ele era um prestigioso realizador. Seria uma preciosa união artística, cujos frutos, indubitàvelmente, resultariam magníficos. Isso fora o que haviam concebido, a partir do momento em que as suas vidas se tinham ligado em Roma... Os resultados foram, porém, muito diferentes. Depois de terem feito juntos meia dúzia de filmes, ambos reconheciam que alguma coisa não estava certa naquela colaboração. Tanto um como outro verificavam, decepcionados, que o seu prestígio se dissipava como o fumo. Rosselini deixava de ser o realizador audacioso que o mundo admirara. Ingrid não era já a artista excelente que fizera vibrar as plateias.

Não, não podia ser. Não valia a pena insistir. Mais outra película que filmassem juntos, só poderia ser mais um fracasso. Eles, que tanto se amavam e tão bem se compreendiam, eram forçados a chegar à amarga conclusão de que as suas tendências e temperamentos artísticos eram distintos, inconciliáveis. Tentar aproximá-los, era apenas desastroso.

Rendidos ao inevitável, ambos aceitaram, resignados, a separação que se impunha nas suas actividades profissionais.

E um dia, Rosselini partiu para a Índia, a fim de rodar um documentário de grande metragem, enquanto Ingrid tomava um avião para Paris, onde ia ao encontro do famoso realizador Jean Renoir, para interpretar uma película sob a sua direcção: «Elena e os Homens».

Estamos em 1956. Uma grande «vedeta» que o público principiava a esquecer ressurge na sua melhor forma. A Ingrid Bergman de «Elena e os Homens» era a Ingrid Bergman dos seus tempos áureos, talvez melhor ainda.

Durante os quatro anos que ficavam para trás, Ingrid vencera no amor, mas perdera como artista. Agora, recuperava tudo o que perdera... mas alguma coisa iria perder novamente. Os jornais anteciparam-se aos acontecimentos, e proclamaram

ruidosamente um hipotético rompimento entre a «estrela» e o realizador, recusando-se a ver naquela separação uma simples «dissolução artística». Só se convenceram quando Rosselini regressou da Índia, e sua mulher o foi abraçar fervorosamente ao aeroporto. As canetas dos jornalistas serenaram então, e entretanto, Ingrid voava para Londres, onde iria filmar «Anastasia».

Essa película foi a reabilitação absoluta. Em «Anastasia», Ingrid realizou, talvez, o melhor trabalho da sua carreira. E de tal modo a sua interpretação era impressionante, que a própria América se deixou arrebatar novamente pela artista, e esqueceu a mulher que anos tinha acusado impiedosamente e votado ao desprezo. A Academia ofereceu-lhe um «Oscar», e o público americano pediu-lhe, entusiasmado, que regressasse. E quando, uma tarde, Ingrid desceu de um avião em Nova Iorque, as lágrimas correram-lhe livremente pelas faces ao ver centenas de pessoas que, à sua frente, lhe dispensavam o mais afectuoso e veemente carinho. Mais tarde, a «vedeta» voltava a sentir a mais intensa comoção, ao abraçar a sua filha Pia, que já muito antes se arrependera da triste frase que um dia pronunciara num tribunal. Tornavam a ser mãe e filha unidas pelo mais sólido afecto.

Ingrid era de novo a «estrela» mundialmente querida e admirada. E dissipara-se finalmente a sombra negra que envolvera a sua união com Rosselini. Mas, como dissemos, alguma coisa ela iria perder novamente...

De facto, o belo romance de amor com o realizador italiano chegara ao seu termo. O que fora, a princípio, mera separação artística, redundou, irremediàvelmente numa separação absoluta.

Certa noite, no lar dos Rosselini, numa esplêndida «villa» de Roma, apenas um dos cônjuges dormiu. O outro, havia partido para sempre. Tinham-se separado definitivamente, de comum acordo. Ingrid estava agora acompanhada apenas dos seus filhos. Roberto tinha saído de Itália, e, durante algum tempo, ninguém conseguiu localizá-lo.

Numa carta dirigida à Imprensa, o casal declarou:

«Há muito tempo que sentimos não ser possível continuarmos a vida em comum. As direcções diversas há dois anos tomadas pelas nossas actividades artísticas, resultaram de divergência de opiniões e de interesses, e nesse sentido as tomámos. Tudo isto nos levou, depois de longa reflexão, à decisão da separação definitiva. Um passado inesquecível, o amor pelos nossos filhos, a nossa profunda e recíproca afeição garantem a serenidade das nossas futuras relações».

Assim terminava uma romântica história de amor que ficaria, por certo, como o mais belo episódio sentimental da vida de Ingrid Bergman. Pouco tempo depois, um tribunal de Roma anulava o casamento. Os três filhos ficaram, segundo a deliberação judicial, entregues à mãe, com a obrigação de serem educados na Europa, em escola de língua italiana. O realizador teve de comprometer-se, por seu lado, a pagar mensalmente uma pensão alimentar de seiscentas mil liras para eles.

DESPEITO o lindo sonho que um dia a levara a fugir de Hollywood para Roma ao encontro do amor, Ingrid Bergman, mais artista que nunca, e muito mais amadurecida como mulher, entregou-se novamente de alma e coração à sua carreira de actriz, à vida que a deslumbrara desde os primeiros anos da sua existência.

Paris passa a ser, então, o seu lugar preferido. Aí resolve fazer uma temporada teatral no *Théâtre de Paris* com a célebre peça «Chá e Simpatia». Foi outro sensacional triunfo. E foi, também, o princípio de outro romance de amor.

Uma noite, um homem chamado Lars Schmidt assistiu à representação da peça, e ficou encantado com a actuação de Ingrid. Não hesitou. Procurou-a no seu camarim e convidou-a para interpretar a mesma peça em Estocolmo.

Quem era aquele homem? Um sueco loiro e alto, elegante, atencioso, inteligente. Profissão? Empresário e produtor de espectáculos. Percorre o mundo à procura de boas peças. Compra os respectivos direitos, e revende-os com bons lucros. Tudo isso com o ar inofensivo do indivíduo apressado que não faz nada. No fundo, um talentoso homem de negócios que detesta a publicidade.

Lars Schmidt e Ingrid não mais deixaram de se encontrar a partir desse momento. Quando acabou a temporada de teatro em Paris, a artista seguiu para Londres a fim de se juntar a Cary Grant para as filmagens de «Indiscret», e o empresário sueco em breve estava a seu lado. Continuava a mandar-lhe flores todos os dias e a cumulá-la de afectuosas atenções. Jantavam, passeavam e divertiam-se juntos. Muitas coisas os aproximavam. Ambos eram suecos... Ambos amavam o teatro... E ambos procuravam uma pessoa que os compreendesse verdadeiramente...

O resto, confirmou-se há pouco tempo, após as filmagens de a «A Estalagem das Seis Felicidades», a mais recente película de Ingrid. A «estrela» e Schmidt confessaram já à Imprensa a intenção de se casarem, logo que estejam absolutamente livres dos seus anteriores matrimónios. O empresário está a tratar do seu divórcio, e Ingrid aguarda também a autorização oficial para se poder casar novamente, visto que em Itália não existe o divórcio, e a sentença de anulação ditada pelo tribunal romano não abrange a possibilidade de contrair novo matrimónio.

Entretanto, Lars Schmidt comprou por trinta e três milhões de francos uma bela propriedade em Grange-aux-Moines, em França. É aí que desejam construir o seu futuro. Um futuro em que ambos depositam a mais ardente esperança.

E, no extasiante panorama campestre de Grange-aux-Moines, Ingrid Bergman passeia agora, de mãos dadas com o noivo, por um cenário verdejante e perfumado, bem propício aos sonhos de amor e felicidade.

A Felicidade!... Esse tesouro precioso que nunca se sabe verdadeiramente onde está, e que, quando se julga tê-lo encontrado, nunca se sabe quando se vai perdê-lo...

De qualquer modo, Ingrid Bergman é hoje feliz.

FIM



Longe do bulíçoso mundo dos espectáculos, em que ambos são figuras proeminentes, Ingrid e Lars Schmidt gozam a tranquilidade poética de um fim de semana num belo cenário algures em Inglaterra. Anunciaram já o seu casamento, que se realizará quando ambos estiverem livres dos seus anteriores matrimónios.

sete anos depois

A «ESTRELA REPUDIADA» concede a sua PRIMEIRA ENTREVISTA *para a América*



Quando das filmagens de «Anastásia», em Inglaterra, a célebre cronista cinematográfica americana Louella Parsons teve a oportunidade de rever Ingrid Bergman, sete anos depois de esta ter abandonado Hollywood. Transcrevemos a seguir a entrevista que lhe fez nessa altura, e que se reveste de particular interesse dado que Louella Parsons é uma das pessoas que mais intimamente conhecem Ingrid, desde os primeiros passos da sua carreira.

DEPOIS de Ingrid Bergman deixar Hollywood para filmar «Stromboli» sob a direcção de Roberto Rossellini, revia-a agora pela primeira vez, em Londres.

Foi uma Ingrid mais magra, mas muito mais sofisticada, aquela que conversou comigo sobre os factos que haviam interessado o m u n d o, sete anos antes, quando dei a notícia de que a linda sueca esperava um filho de Rossellini, seu director italiano.

Pensei que ela estivesse aborrecida comigo, por ter sido eu a primeira a espalhar a notícia, mas Ingrid pareceu-me realmente satisfeita em voltar a ver-me quando me abraçou em Londres.

Ela adora os seus filhos: Roberto, de seis anos de idade, nascido em Roma antes de ela obter o divórcio de Peter Lindstrom, e as duas encantadoras gémeas, Ingrid e Isabel. E por falar nisso, lembro-me bem de que Lindstrom não lhe queria conceder o divórcio, apesar dos seus amigos intercederem pela liberdade da linda sueca.

A Ingrid Bergman de hoje é uma mulher feliz.

— Os meus três filhos são uma benção — disse-me ela. — Têm vivido a maior parte do tempo na nossa casa de campo, nos arredores de Roma, e recentemente gozaram um bom período de férias em Cannes. É a irmã de Roberto e, às vezes, a sua primeira mulher quem me ajuda a cuidar deles. Como você sabe, Roberto tem um filho do primeiro casamento, que está em companhia dos meus filhos, e os quatro dão-se muito bem.

Ingrid fez uma pequena pausa, enquanto rebuscava alguns retratos das crianças para me mostrar, e depois continuou.

— As gémeas são muito diferentes — disse ela. — Isabel tem os cabelos lisos e escuros, enquanto que Ingrid tem os cabelos loiros e ondulados. Não são encantadoras?

— São uns amores — confirmei eu.

— E Roberto vai ser um rapagão!

Se há tristeza e amargura no seu coração, Ingrid não o deixou transparecer. Falou sobre Rossellini e sobre os filhos com sincero carinho e orgulho. Contou-me que as crianças estão a ser educadas na religião católica, a religião de Rossellini.

Depois de ela me ter falado bastante neles, ousei perguntar por Pia.

— Também tenho aqui o retrato dela — respondeu-me. — Está com dezassete anos, e tornou-se uma rapariga muito interessante.



A extraordinária interpretação de Ingrid em «Anastásia» mereceu os melhores elogios de todo o mundo.

Pia, ou Jenny, o seu nome americano, dá-se com a mãe e escreve-lhe regularmente, ao contrário do que tem sido noticiado. O tempo cicatrizou os ressentimentos que um dia as separaram.

— Então você está em comunicação regular com ela?

— Claro! — respondeu Ingrid. — Ela escreve-me e eu respondo-lhe.

Logo que Bergman deixou a América, a imprensa encarregou-se de espalhar que Pia tinha banido a mãe da sua vida. Depois o Dr. Lindstrom casou outra vez, as mágoas serenaram e a filha reconheceu que, acima de tudo, Ingrid era sua mãe.

Quando Ingrid Bergman era uma das «estrelas» mais populares de Hollywood, eu nunca teria tido coragem de a entrevistar com tanta franqueza como agora em Londres. Depois de tantos e tantos sofrimentos, de tantas modificações, Ingrid pareceu-me mais acessível e menos reservada.

— Você é feliz? — perguntei outra vez.

— Muito! — disse-me ela. — Espero que o Dr. Lindstrom seja tão feliz com a sua segunda esposa, como eu sou com o meu segundo marido. Não tenho nenhum ressentimento contra ele e só desejo que encontre a mesma felicidade que eu encontrei.

— Certamente que você se encontrará com Pia quando for aos Estados Unidos? — inquiri.

— Eu não pretendo voltar aos Estados Unidos! — respondeu-me Ingrid. Todos esses rumores de que tinha viagem marcada para Nova Iork, são falsos. Não tenho a menor intenção de tomar parte no programa de televisão de Ed Sullivan, como foi noticiado, e quando terminar a filmagem de «Anastasia» aqui em Londres, irei a Paris preparar-me para a peça «Chá e Simpatia». Dedico todo o meu tempo vago ao estudo; o meu francês é bom mas não é ainda bastante perfeito para falar numa peça. É verdade que em «Joana D'Arc» eu falava quatro línguas: francês, italiano, inglês e sueco. Mas atrás das minhas palavras havia sempre um fundo musical. Em «Chá e Simpatia» os críticos poderão pôr deficiências ao meu francês... e eu não quero isso!



Poucos papéis como o de «Anastásia» requerem tamanha força emocional de um artista. E Ingrid esteve magnificamente à altura dessa exigência.

No dia em que entrevistei Ingrid Bergman, ela estava de calças compridas, pretas, que lhe acentuavam a nova silhueta. O rosto redondo de colegial desapareceu, mas a sua linda pele ainda é a mesma. As suas faces são naturalmente rosadas, pois ela não usa *rouge*, e posso afirmar aos *fans* que Ingrid ainda é uma linda mulher. Animada e bem disposta, ela há-de ter sempre um aspecto saudável e natural.

Enquanto conversavamos no seu apartamento no Hotel Savoy, uma sobrinha de Rossellini entrou no quarto. Chama-se Florella e fazia companhia a Ingrid durante a sua estadia em Londres.

— E onde está seu marido? — perguntei.

— Eu esperava-o hoje — disse-me Ingrid — mas ele avisou que ficou retido em Roma e que só chega amanhã. Falamo-nos diàriamente pelo telefone e ele sente tanto a minha falta como eu a dele, nestas separações forçadas.

— Li nos jornais americanos o seu violento desmentido de que estaria a divorciar-se de Rossellini — arrisquei.

— Foi uma coisa tão ridícula — disse — que nem vale a pena perdermos tempo a falar nisso. Começou tudo na Suécia, onde um jornalista que sempre se deliciou a escrever contra mim, lançou o boato. Os outros jornais imediatamente copiaram a notícia. Não culpo esses repórteres que a copiaram, e sim o que deu origem a toda essa onda.

Foi essa a única vez que a fisionomia de Ingrid se perturbou durante toda a nossa conversa. Mas logo a seguir, já ela ria e falava noutro assunto.

— Faço questão de que você veja o filme que eu fiz em Paris — disse-me ela.—Chama-se «Helena e os Homens» e faz lembrar «Saratoga», um dos meus filmes favoritos.

— Você pretende voltar algum dia à América? — insisti.

— Por enquanto não — respondeu-me. — Pretendo passar um longo período em Paris e as crianças ficarão comigo enquanto eu estiver a interpretar «Chá e Simpatia». Tenho intenção de alugar uma casa, para quando for em Outubro.

Em seguida Ingrid fez-me entrar no quarto de dormir e mostrou-me outro retrato dos seus três pimpolhos.

— Com certeza que eles só sabem falar italiano — disse eu.

— Não — respondeu Ingrid. — Falam um pouco de inglês e um pouco de sueco. Quero que eles estudem línguas, pois, hoje em dia, isso faz parte da educação.

Em «Anastasia» Ingrid Bergman faz o papel de sobrinha da Grã-Duqueza, interpretada por Helen Hayes, que Ingrid só veio a conhecer no Estúdio Estree.

— Gostei tanto de a conhecer! — confessou Ingrid. — Tenho profunda admiração por Helen, como actriz e como mulher. É uma pessoa muito agradável.

Depois, apontando para um ramo de rosas, disse:

— Foi ela quem me enviou essas rosas.

Eu sempre gostei muito de Ingrid Bergman. Gostei dela desde o primeiro momento em que a vi, radiante com o contrato de David O'Selznick, depois do seu êxito em «Intermezzo». A sua ascensão ao estrelato foi muito rápida, e, em muito pouco tempo, o seu nome figurava entre as mais famosas «stars» de Hollywood. Ùltimamente a sua popularidade decaiu devido a filmes e desempenhos mal escolhidos. Mas agora a sua fama está novamente a subir.

Tenho a impressão de que Ingrid encontrou em Rossellini um italiano ardente e apaixonado, muito diferente de Lindstrom, frio e distante. (Não devemos esquecer que foi ela quem financiou a sua especialização em cirurgia).

A minha consciência não permite que eu diga que ela agiu bem, mas há muitas coisas a seu favor que nunca foram ditas na imprensa.

Não pretendo dar moralidade à fuga de Ingrid Bergman para os braços de Roberto Rossellini, mas acredito fundamentalmente na sinceridade de Ingrid e no sofrimento que lhe causou todo o escândalo que se formou à volta do seu nome, desde que ela desafiou a sociedade e as suas convenções.



E acho que ela já pagou suficientemente os erros que cometeu.







N. 30

PREÇO
2$00